

REPRODUÇÃO SIMBÓLICA E EXCLUSÃO NO CAMPO ESCOLAR: As contradições do discurso professoral segundo os alunos

Bruna Santana de Oliveira

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

E-mail: brusan10@hotmail.com

Jacques Fernandes Santos

Docente do Instituto Federal de Alagoas - IFAL.

Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes - UNIT.

E-mail: jacquesfs@hotmail.com

Vinicius Silva Santos

Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

E-mail: vssantos@uneb.br

RESUMO

O principal objetivo do presente trabalho é analisar a percepção dos alunos de uma escola pública de ensino médio da cidade de Paulo Afonso, Bahia, sobre as práticas professorais em sala de aula, tendo como principal aporte teórico os conceitos de Pierre Bourdieu que evidencia os sentidos da distância na reprodução do campo escolar, onde o professor de maneira inconsciente elabora apreciações do poder simbólico das relações sociais, refletindo-se no espaço escolar, caracterizando a escola como espaço de legitimação das desigualdades sociais. Para tanto, a metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem qualitativa, uma vez que contribui na investigação e compreensão dos fenômenos sociais. Além disso, o estudo caracteriza-se como sendo metodologia descritiva e explicativa, enquanto aos meios como sendo de campo com dois alunos do ensino médio de uma escola pública de Paulo Afonso, Bahia. Diante dos resultados da pesquisa é possível destacar o modo como os alunos percebem as diferentes maneiras de tratamento do professor, caracterizando uma valorização do poder simbólico através da análise dos diferentes capitais dos alunos baseadas em apreciações e depreciações em sala de aula. Todavia, é necessário não generalizar a prática professoral como sempre sendo guiada por um poder simbólico, tendo em vista as exceções dentro do sistema educacional, ao passo que se torna necessário entender e dialogar sobre a manifestação dessas práticas no ambiente escolar por sua natureza central no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Campo Escolar. Reprodução. Desigualdades Sociais.

RESUMEN

El principal objetivo del presente trabajo es analizar la percepción de los alumnos de una escuela pública de enseñanza media de la ciudad de Paulo Afonso, Bahia, sobre las prácticas docentes en el aula, teniendo como principal aporte teórico los conceptos de Pierre Bourdieu que evidencia los sentidos de la distancia en la reproducción del campo escolar, donde el profesor de manera inconsciente elabora apreciaciones del poder simbólico de las relaciones sociales, reflejándose en el espacio escolar, caracterizando la escuela como espacio de legitimación de las desigualdades sociales. Para ello, la metodología utilizada en la investigación fue el abordaje cualitativo, ya que contribuye a la investigación y comprensión de los fenómenos sociales. Además, el estudio se caracteriza como metodología descriptiva y explicativa, mientras que a los medios como siendo de campo con dos alumnos de la enseñanza media de una escuela pública de Paulo Afonso, Bahía. Ante los resultados de la investigación es posible destacar el modo en que los alumnos perciben las diferentes maneras de tratamiento del profesor, caracterizando una valorización del poder simbólico a través del análisis de las diferentes capitales de los alumnos basadas en apreciaciones y depreciaciones en el aula. Sin embargo, es necesario no generalizar la práctica docente como siempre guiada por un poder simbólico, teniendo en vista las excepciones dentro del sistema educativo, mientras que se hace necesario entender y dialogar sobre la manifestación de esas prácticas en el ambiente escolar por su naturaleza central en el ámbito proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras-clave: Campo Escolar. Reproducción. Desigualdades Sociales.

1 INTRODUÇÃO

A educação como processo essencial para a formação humana, em seus diversos aspectos, deve assegurar e estimular através de sua prática o desenvolvimento do processo de socialização e construção do conhecimento entre os indivíduos. Assim sendo, a escola é um espaço crucial dentro do âmbito social, pois materializa no contexto de suas funções o processo de ensino-aprendizagem, mais que isso, abarca ainda diferenças e singularidades dos sujeitos que compõe as dinâmicas socioculturais deste espaço.

No seu entorno, compreende também o que Bourdieu (2015, p. 79) convencionou chamar de “sentidos da distância”, onde de maneira imanente evidencia um paradoxo prático, no qual a função escolar não se limita à transmissão de conteúdo, mas reflete também as relações intrín-

secas entre professor e aluno em sala de aula. Assim, a reprodução dentro campo escolar se apresenta nos diferentes níveis de capitais¹ dos alunos em sala de aula. Capitais estes que são decisivos nos direcionamentos das práticas dos professores e mostra que a percepção por parte do professor nivela as apreciações e depreciações nas práticas escolares.

Nesse sentido, os professores caracterizam uma “violência” que possui como alicerce o poder simbólico, tendo como base os diferentes capitais, atrelando-se diretamente às categorias de percepção professoral. Com isso, a violência simbólica ocorre por meio da imposição cultural excluindo uns e incluindo outros, levando em consideração os diferentes “critérios externos” (Ibidem, p.13): aparência física, linguagem, maneira de se vestir, postura, origem social, econômica, cultural etc.

Sendo assim, os professores como principais agentes do campo escolar praticam a reprodução pela valorização do poder simbólico, paradoxo que legitima as desigualdades através das relações de poder entre professor e aluno, impossibilitando o saber com sentido e aprender com prazer (CHARLOT, 2014), caracterizando o duplo fracasso escolar do aluno, o primeiro condicionado as exigências de conhecimento prévio no processo de ensino-aprendizagem, o segundo na exclusão das diferenças sociais e culturais dos alunos.

Diante disso, a presente pesquisa tem como principal objetivo analisar a percepção dos alunos de uma escola pública de ensino médio da cidade de Paulo Afonso, Bahia. Tendo como base os sentidos da distância construídos em sala, decorridas das relações de poder e desigualdades sociais, essa indiferença às indiferenças evidencia a reprodução do campo educacional. A pesquisa tem como principal aporte teórico as discussões e conceitos do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, haja vista que o mesmo possui uma relevância de fulcral importância para o sistema educacional e para os pesquisadores da educação, mormente, no âmbito da Sociologia da Educação.

2 A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO NO CAMPO ESCOLAR E O PODER SIMBÓLICO

A escola enquanto espaço social é local de construção, sistematização, apropriação e ressignificação de saberes. Assim é atribuída uma equidade formal à função escolar, tratando todos

¹ Segundo Bourdieu a noção de capital, acumulado por meio das relações e condições sociais, se refere como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, se dividindo em níveis e percebidos no dia a dia. (2015, p. 73)

de forma igual, em fornecimento de direitos e deveres, em sua forma universal e gratuita na instituição educacional pública, sobretudo na consolidação da prática em sala de aula, essa possibilita destacar a sua importância para formação social e humana, bem como abriga em seu entorno muitas contradições.

Em contrapartida a ideia de igualdade formal, a escola possui em sua composição alunos com suas singularidades e diferenças, tornando esse espaço com uma composição heterogênea, e por isso, de forma dissimulada, tenderia a tratar de maneira desigual o aluno, por sua bagagem familiar. Bourdieu (2015) compreende que paradoxo escolar torna-se mais explícito dentro das relações entre professor e aluno, pois o papel do professor transcende o papel formal de transmissão de conteúdo, tornando necessário um olhar sobre as relações interpessoais em sala.

Nesse sentido, as relações sociais são elementos essenciais para entendimento das dinâmicas na escola, pois ocorrem dentro dos diferentes campos, de acordo com a lógica do poder simbólico das interações, e de fato, legitima e reproduz as diferenças e tem como base o poder simbólico nivelado pelos diferentes capitais. Por isso, para Bourdieu (1989) não é diferente no campo escolar, campo este que possui uma antinomia prática, deve transmitir o conteúdo igual para todos, contudo possui instrumentos de classificação social em que os professores reforçam através das análises intencionais o instrumento de reprodução escolar.

Sendo assim, o professor por meio do *habitus*² internalizado, “esquemas inconscientes de percepção e apreciação” (BOURDIEU, 2002, p. 04), de maneira inconsciente classifica de maneira prévia os alunos, tornando-os produtos de produção e reprodução das diferenças através da valorização do poder simbólico arbitrário. Partindo desse pressuposto Forquin (1993) enfatiza sobre a importância da cultura, e destaca que a cultura é mais que o repertório, é o material simbólico dentro da escola, no interior se efetua escolhas direcionadas, sendo o princípio dinâmico, o impulso, o esquema gerador das escolhas por meio de uma “seleção escolar” (Ibidem, p.39) considerada uma seleção natural.

Essa seleção natural na prática do professor, por um lado nega as diferenças e singularidades dos alunos que não detêm o poder simbólico, caracterizando assim, segundo Bourdieu (2014)

2 Bourdieu (1994, p. 66) define o *habitus* como ponto de partida do sistema de disposições duráveis que gera estruturas práticas em diferentes representações que de certa forma são “regulamentadas” e “reguladas” e têm necessidade de projeção, sendo assim uma orquestra sem maestro.

a violência simbólica, imposta e vivenciada por meio de uma submissão paradoxal, de forma suave, insensível e por um triz invisível, decorre por vias simbólicas das interações sociais, havendo o desconhecimento da vítima. Na escola ocorre por meio de uma relação arbitrária sob a égide da apreciação do poder simbólico do professor, pois desconsidera os alunos com o capital considerado negativo e inclui por meio de uma apreciação natural os alunos com capital considerado positivo.

Assim, o professor possui níveis de percepção sobre os alunos no dia a dia e decide os vereditos de seus destinos através das formas de rupturas para com a verdadeira prática da função escolar. Althusser (2007) sustenta que toda formação social ao mesmo tempo produz e reproduz suas condições por meio das relações de produções existentes seguindo o estreitamento de uma lógica simbólica decisiva no sucesso e insucesso escolar.

Nesse mesmo sentido, Charlot (2014, p.24) destaca que ao falar sobre a escola, “esquece-se o problema da desigualdade social face à escola e dentro da escola”, tendo em vista a origem social dos alunos, uma vez que é decisiva para as formas de direcionamento das ações dos professores. Assim, de maneira arbitrária ocorre a valorização de um capital simbólico em detrimento de um capital considerado negativo nas relações sociais, caracteriza-se a produção e reprodução por meios das desigualdades consideradas naturais no campo escolar, sendo assim, exclui, estigmatiza e intensifica a reprodução das desigualdades dos alunos oriundos das classes sociais mais baixas desvelando o fracasso escolar.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa científica se caracteriza de subsídio sistemático para a análise de procedimentos e técnicas, de modo a aprofundar o olhar sobre novas descobertas. Assim, para tal, pressupõe-se a utilização de critérios específicos e claros que auxiliam na atividade investigativa, uma vez que deve contribuir na interpretação dos liames dos fenômenos sociais (CHIZZOTTI, 2008). Sendo assim, o presente trabalho norteou-se pelo paradigma de pesquisa qualitativo, de acordo com Minayo (2010), procurando explorar as subjetividades nas ciências sociais diversificando a investigação em seus diferentes fenômenos, sejam culturais, sociais, econômicos, de valores, crenças, com base na interpretação dos significados e aspirações.

Além disso, como sendo uma pesquisa bibliográfica, mas também descritiva e explicativa; permitindo aprofundamento no problema pesquisado, bem como descrever e identificar fatores que são determinantes nos mais diversos fenômenos (GIL, 2007). Assim, esse estudo foi desenvolvido em uma escola estadual de ensino médio, localizada na cidade de Paulo Afonso-Bahia, os participantes desta pesquisa foram dois estudantes do terceiro ano do ensino médio regular. Foi feita uma entrevista estruturada, tendo em vista não só entender as percepções dos alunos sobre as práticas dos professores em sala de aula de uma escola pública, mas também como ocorre a produção e reprodução escolar através do poder simbólico das estruturas sociais, conforme os paradoxos da função escolar.

4 RESULTADOS

4.1 Sentidos da reprodução e distanciamento do discurso do professor na escola

A violência simbólica exercida dentro no campo escolar decorre muito além do contexto prático formal da escola, ou seja, no processo ensino-aprendizagem, nas exigências de um conhecimento sobre os conteúdos ensinados, mas, sobretudo, de uma relação intrínseca, e possui uma valorização do que é simbólico no contexto social, colocando em contraste os alunos com capital social, econômico e cultural, considerados positivos e excluindo os demais através de um consenso arbitrário.

Nesse contexto, o professor possui sentidos de percepção e apreciação que direciona as ações em sala de aula. Bourdieu (2014) destaca a existência de um domínio prévio prático que tende a obter uma estima perceptível em exercício nos diferentes grupos, definindo as limitações dos demais, uma espécie de exclusão de instância legitimadora que impõe de forma sutil uma hierarquia e define o “nível de emissão” (Ibidem, p. 44).

Para corroborar essas diferenciações na prática durante a entrevista com os alunos A e B, os mesmos foram indagados sobre as concepções obtidas a respeito das práticas dos seus professores em sala de aula se tratando das diferenças na maneira de tratar os alunos em classe. Assim A e B afirmam e justificam:

No ensino médio temos muitos professores, então podemos falar sobre mais de um. Os professores que percebem aquele aluno “CDF” que é aquele que geralmente sabe as respostas de todas as coisas, que sabe a maioria das matérias entre outras coisas. Em minha opinião sempre foi mais bem tratado em sala de aula, pois os outros meio que são deixados de lado, pois nós que não somos considerados inteligentes, não oferecemos aos professores o que eles querem, então é isso. (ALUNO A)

Eu acho que tem os que não se interessa e os interessados como eu. Eu nunca tive problema com isso, pois saí de uma particular para uma pública porque fui reprovado em algumas matérias, mas sempre fui destaque na escola pública e os professores sempre me tratam muito bem, até porque eu respondo tudo e já tinha lido os livros indicados pela escola anterior. (ALUNO B)

Enfatizando as falas, Bourdieu (2014) afirma que um dos instrumentos de diferenciação dos possíveis êxitos escolar é a comunicação entre o professor e o aluno. Assim, é feita uma conexão entre as várias trajetórias que estão intrínsecas ligadas diretamente à conduta desejada previamente sobre o aluno, ocorrendo de forma dissimulada nas “aptidões naturais” ou qualidades ditas como inatas e também a escassez - capital considerado negativo-, uma diferenciação de classe, que sobrevém pelos resultados obtidos através do sistema de avaliação escolar, mas também pela forma de interrogar sistematicamente as categorias das diferenciações culturais, econômicas e sociais.

Diante das respostas citadas, o aluno **A** explica como acontece a diferenciação e os modos de satisfazer a exigência de aptidões prévias dos professores e afirma que os demais são deixados de lado, pois não conseguem cumprir as demandas impostas em sala. De contrapartida, o aluno **B** - ex-aluno de uma instituição particular - em sua fala confirma uma diferenciação entre a escola pública e particular, pelo conhecimento adquirido anteriormente e enfatiza sobre a importância das leituras dos livros exigidos pela escola anterior.

Bourdieu (2007, p. 08) afirma que nas trocas simbólicas “tende-se a considerar a cultura e os sistemas simbólicos nas interações como instrumento de poder em conjunto de significados”. Assim sendo, o aluno **A** em sua fala percebe a diferenciação entre os pares em sala, em contrapartida o aluno **B** justifica com a divisão entre alunos interessados e os alunos não interessados e ainda acrescenta uma diferenciação de capitais sobre as aprendizagens anteriormente adquiridas em uma instituição particular. Por isso, Althusser afirma que (2007, p. 10) “[...] são evidências tenazes do ponto de vista da produção, ou seja, prática reprodutiva”.

Destarte, Bourdieu ressalta (2014, p. 115) que “o sistema dos fatores que apresentam as condutas, as atitudes e, portanto, sobre o êxito e a eliminação, ação indivisível de uma causalidade estrutural [...]”. Por essa razão, afirma que é uma ação contínua dos diversos fatores que definem as posições diante dos sujeitos pertencentes às diferentes classes no sistema escolar, edificando interrogações implícitas de ações sistemáticas que influem na distribuição de resultados e direcionamento de ações.

Assim sendo, Bourdieu (2015) acrescenta que durante as práticas em sala há diferenciações entre os gostos dos alunos percebidos pelo professor, por conseguinte uma análise que direciona as suas ações, desencadeando uma exclusão e a negatividade da rentabilidade escolar dos excluídos, cujas imponderáveis atitudes são comparadas como as diferenças de “dons”, cujo pressuposto se relaciona de forma direta com a origem social do aluno, ou seja, a distribuição desigual dos diferentes capitais, sobretudo de maneira simbólica que evidencia a incongruência entre a oferta e a prática do campo escolar.

Essa ambiguidade tende a estigmatizar um capital prévio adquirido a priori pelos educandos em suas diferentes interações estratificadas em sala de aula, surgindo assim, evidências da divisão da conservação do capital dominante e do capital técnico. Para isso, Carnoy (1987) afirma que as relações dentro da escola se dão em diferentes categorias, se divide em futuros intelectuais e futuros trabalhadores, em que na escola há padrões de comportamentos, concomitantemente o reconhecimento de alguns e o desconhecimento de outros, dependendo assim, da formação familiar herdada e do papel que possivelmente desempenharão.

Nogueira (2011) complementa que a escola possui alunos com diferentes níveis de aprendizagens, consequência das relações prévias fora do espaço escolar, categorizações arbitrárias, uma vez que, ocorre de modo implícito e explícito e possui um conjunto de significações. Nesse contexto, os alunos A e B quando indagados a respeito de perceberem se os professores têm uma opinião formalizada sobre o futuro profissional e acadêmico de seus alunos, respondem:

Ah, isso eu tenho sim. E não é de hoje! Eles falam sobre o nosso futuro e o que queremos ser. Mas sempre dizem em sala que conseguem ver o que realmente cada um será no futuro. Quem vai ser doutor, engenheiro, moto táxi ou balconista. Eu acho que existem alunos com melhores condições e outros com piores condições que vão para a escola, uns apenas para formar e ter seu trabalho, outros que possuem um melhor auxílio familiar, principalmente econômico e daí entram em curso pago ou até mesmo em uma pública. Às vezes acho que os professores não enxergam que tudo o que é dado na escola não dá para fechar uma prova como a do Enem, e sim para conseguir um cursinho técnico e olhe lá. (ALUNO A)

O aluno **A** confirma e também consegue perceber que mesmo sendo uma instituição de escola pública há alunos com diferentes classes sociais e essa construção prévia é decisiva na opinião dos professores sobre o futuro dos alunos. Nesse mesmo sentido, o aluno **B** responde:

Eles costumam fazer tipo um julgamento das diferenças econômicas e digo cultural também, sei que isso vai diretamente para essa previsão do futuro que eles costumam ter sobre os que terão sucesso e os que não terão. São pequenas coisas na sala que a gente percebe que acontece. Eu por exemplo

como já tinha lido “O Príncipe” de Maquiavel, por influencia de meu pai, os professores me elogiaram e ainda disseram que eu teria um futuro brilhante. Os demais, no terceiro ano do ensino médio da escola pública, não sabiam nem quem era o autor. (ALUNO B)

Diante das respostas citadas, os alunos **A** e **B** percebem as classificações do professor em sala de aula. O aluno **A** ressalta em sua fala as diferenciações de classes e que o professor antecipa os diferentes destinos dos alunos, como se fosse apenas uma questão de dom. A noção da construção de um juízo de valor, o juízo professoral, na escola, se dá por meio das diferenciações dos alunos em sala, provenientes das classes sociais dos mesmos, relacionando a distribuição dos capitais. Assim Bourdieu (2015, p. 81) corrobora que “este ponto de partida implica uma ruptura com pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito de ‘aptidões naturais’”.

O aluno **B** enfatiza a diferença entre o conhecimento prévio dele adquirido dentro do espaço familiar dos demais. Ainda acrescenta sobre como percebe essas diferenciações ocorridas em sala e que uma delas se deu pela leitura de um livro que apenas ele tinha lido em sala. Essa antecipação segundo Bourdieu (2015, p.123) faz parte de uma “causalidade provável” diretamente ligada à construção do capital, sendo todas as condições consideradas objetivas direcionadas por pressupostos que tendem a antecipar o futuro objetivo, ou seja, “antecipando os veredictos” (Ibidem, p. 107).

Portanto, o professor define um paradoxo de sua função através das suas práticas diárias, viabilizando uma espécie de julgamento dos alunos que ocorre através da violência simbólica evidenciada pela percepção e os sentidos da distância entre os que terão sucesso e os que não terão sucesso, esses com nível de capital considerado negativo e aqueles com maior nível de capital sendo aceito de maneira apreciativa pelo professor em suas ações.

4.2 A relação entre o entre as exclusões e apreciações em sala de aula

As diferentes disposições existentes dentro do âmbito escolar, ou seja, os diferentes níveis de capitais os quais são provenientes diretamente da origem familiar do aluno; revelam as exclusões na prática do professor em sala de aula. Assim sendo, o professor transmite o conteúdo de forma igual para todos, mas nem todos possuem a mesma codificação e decodificação, dividindo a sala entre os excluídos e os não excluídos.

Em contraste, as interações em sala de aula transcende o conteúdo formal na relação professor-aluno, constituindo-se, sobretudo, de uma interação que vai além da transmissão do conteúdo formal, caracterizando análises de condutas escolares que mede os níveis do capital simbólico, no qual os alunos marginalizados são duplamente prejudicados, estando diretamente ligadas às condições familiares prévias, estando primeiramente condicionada pela exigência prévia do professor sobre o domínio do conteúdo, seguida pela exigência de condutas e valores implícitos e explícitos que eles devem à sua disposição social.

Bourdieu (1996) ressalta que as nuances das disposições são categóricas, quando analisadas, produzidas e impostas de maneira arbitrária, uma vez que, é peremptória e abstrata. Nesse mesmo sentido, Nogueira (2011) afirma que o campo escolar possui agentes com diferentes posições sociais nos quais existe uma divisão social, já que o professor não exige apenas o domínio do conteúdo, mas destreza nas demais singularidades dos alunos. Para tanto, os alunos **A** e **B** quando indagados sobre a percepção dos motivos de os professores tratarem seus alunos de forma diferente respondem:

Como eu disse antes, acho que não temos aquilo exatamente que o professor quer, mas acho também que tenha um pouco a ver com a “raiz”, ou seja, a família, muitos alunos que são os queridinhos da sala possui um bom exemplo familiar, pais com bom emprego e tem uma carreira ou já veio de escola particular e já viu os conteúdos e daí durante a aula consegue opinar, acrescentar algo, se sair bem nas provas, enquanto os outros, meio que ficam boiando. Mas não é justificativa, é que temos que aprender a ver o que acontece fora da escola nas nossas vidas e sei que isso é ruim para a nossa aprendizagem. (ALUNO A)

O aluno **B** complementa:

Sim. Eu sempre achei que nós alunos que costumam dar o que o professor quer, como é que diz [...] Por sermos mais estudiosos, fomos mais bem tratados. Eu nunca tive nenhuma dificuldade, mas percebo que o professor tem suas preferências em sala. Isso tem a ver de maneira conjunta, porque nem todos possuem as mesmas condições, mas, fazer o que, né?! (ALUNO B)

Desse modo, o aluno **A** traz em sua fala as distinções significantes que denota a legitimidade das diferenças da valorização do poder simbólico (BOURDIEU, 1989). Caracterizando as disparidades entre o aluno que possui conhecimentos prévios, e conseqüentemente melhores condições econômicas, mesmo sendo uma instituição de ensino pública, e cita como exemplo os provenientes anteriormente de escola particular, acrescenta ainda sobre a estrutura do ambiente externo que influencia diretamente nos resultados esperados pela escola.

O aluno **B** revela ainda que o professor possui exigências preferenciais e que isso se dá por uma série de fatores. Bourdieu (2015, p. 107) afirma que o professor antecipa através da violência simbólica, os “veredictos do sistema”. Assim, a sala de aula como um tribunal de exclusões, à medida que possui alunos de diferentes classes sociais, solidifica na prática professoral uma espécie de juízo de valor, esse tem por base os diferentes graus de capitais, por isso quanto menor o nível do capital do aluno, maior será a violência simbólica exercida sobre o mesmo.

Desse modo, torna-se ambíguo o conceito de igualdade escolar, uma vez que a violência simbólica revela as interfaces do antagonismo escolar na prática do professor, excluindo uns e incluindo outros. Nogueira afirma que “as chances de sucesso escolar dos alunos excluídos são reduzidas, faltam objetivamente, os recursos econômicos, sociais e, sobretudo, culturais necessários para um bom desempenho na escola” (2011, p. 61), pontos utilizados diante das percepções professorais que são decisivas nos níveis de direcionamento das atividades diárias.

Em consonância com afirmações anteriores, os alunos **A** e **B** em suas respostas identificam as exclusões em sala de aula e procuram explicar a relação com as diferentes origens sociais. Assim sendo, foram questionados sobre o nível de percepção de cada um – mesmo sendo uma instituição pública – sobre as diferentes classes sociais dos alunos e se isso possui uma relação direta com as exclusões em sala. Os alunos **A** e **B** respondem:

Sim. Eu acho que isso também pode ser levado em conta no dia a dia, parece besteira o que vou dizer, mas eu acho que em sala isso acontece. Parece que os professores observam nosso jeito, forma de vestir, de falar, e até o nosso jeito de agir. Lembro porque um deles disse em uma aula, que o nosso jeito mostra o jeito da nossa família, pois é de lá que viemos. E os considerados “CDFs” são mais bem tratados e a maioria é de família rica, bem sucedida aqui da cidade, deve ser coisa de cidade pequena. (ALUNO A)

Eu disse na outra, mas vou explicar os motivos. Tanto na escola pública como a particular tem alunos com condições financeiras diferentes, na particular óbvio que são bem melhores que as dos alunos de escola pública. E isso influencia nos professores, não todos. Mas a maioria, eu digo que sim. E isso fica claro no momento em que os professores percebem a maneira de falar errado, muitas vezes corrigem na sala, na maneira de se vestir e até o jeito da gente se comportar. (ALUNO B)

Para além da transmissão de conteúdo os alunos A e B em suas respostas expõem as diferenças consideradas naturais, “[...] diferenças nas atitudes, tal como as diferenças de posição (às quais se acham frequentemente associadas) estão na origem das diferenças de percepção e apreciação e, por isso, de divisões ocorridas da prática escolar” (BOURDIEU, 1989, p 98).

Essas classificações consideradas objetivas e ao mesmo tempo subjetivas se definem nas categorias das percepções professorais, estas influem na tomada de decisões implicando na não aceitação e aceitação. Por isso nas falas de A e B se torna explícito as distinções em sala que envolve estética, linguagem, origem familiar etc. e, além disso, as diferenciações entre o aluno A, oriundo de escola pública desde as séries iniciais e do aluno B que tem origem desde as series iniciais em escola particular, sendo apenas seu primeiro e último ano em uma escola pública.

Em consequência, os traços distintos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social – por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia e, sobretudo as maneiras, o bom gosto da cultura, pois aparecem como propriedades essenciais da pessoa, enfim, como uma natureza cultivada, uma graça, um dom. (BOURDIEU, 2007, p.19).

Nessa perspectiva, a existência de um sistema de valores nas relações das diferentes classes, muitas vezes vista como uma ocorrência natural no fenômeno social se alicerça nos graus discrepante de “dons” existentes nas disparidades sociais dos alunos e estigmatiza através da violência simbólica a impossibilidade do sucesso escolar para alguns e o sucesso escolar para outros. Bourdieu (Ibidem) ainda acrescenta que as diferenças propriamente econômicas são duplicadas, influenciando nas demais escolhas de bens, já que o poder econômico é simbólico e decisivo nas demais escolhas culturais, sociais entre outras. Distinções significantes para o principal agente escolar, o professor, pois possui exigências prévias de forma considerada positiva mediante os alunos com melhores condições sociais.

Nogueira (2011) em consenso afirma que as chances de sucesso escolar são divididas, uns com sucesso escolar de chances reduzidas, de forma determinante, a falta de recursos econômicos e sociais; outros com suprimentos simbólicos suficientes para a conquista de uma boa impressão ao juízo professoral no mais amplo sentido, sobretudo na realização e demonstração de um bom desempenho nas atividades escolares objetivas complementando as exigências simbólicas subjetivas. Assim, caracteriza-se a violência simbólica, alicerce do antagonismo da função escolar, princípio da distinção dos alunos, “tratando, formalmente, de modo igual em direitos e deveres, quem é diferente, a escola privilegia, dissimuladamente, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado” (IBIDEM, p.73).

Foucault (2003) ainda acrescenta que essa relação de poder está presente em diferentes mecanismos da sociedade, ocorrendo um tipo de punição e se encontra nas práticas contemporâneas de penalidade, mas também em diferentes meios e de diversas maneiras na esfera social. De

fato, o campo escolar em sua essência prática objetiva e subjetiva ajuda a determinar as diferenças sociais dos alunos, em que o principal agente (o professor) caracteriza a sujeição de uma estrutura estruturada estruturante, ou seja, o campo escolar.

Com efeito, Nogueira (2011) sustenta que o professor no processo formal de sua função, define uma divisão de dons, tanto pelas relações intrínsecas subjetivas, como pela transmissão do conteúdo em que a decodificação ocorre em diferentes níveis. Isto é, a escola não cobra apenas o domínio prévio dos conteúdos abordados em sala, de modo que haja apenas a exclusão objetiva, bem como através da prática professoral valoriza e cobra um conjunto de referências simbólicas, denotando, portanto, a exigência subjetiva.

Evidencia-se assim, a dupla marginalização que legitima as diferenças dos alunos e simultaneamente caracteriza uma exclusão, porém configura uma forma de consagração aos alunos com nível de capital considerado positivo diante do sistema educacional. À medida que essa hierarquização escolar se consolida na prática do professor através da violência simbólica; Bourdieu (2015) sustenta que as antecipações práticas engendram o futuro objetivo, pois o professor por meio de suas percepções comanda o direcionamento das práticas escolar, uma causalidade dos esquemas de percepção, apreciação e ação.

Sendo assim, o professor, principal agente do campo escolar, por meio de suas práticas, possui exigência de pré-requisitos estabelecidos em sala de aula, ocasionando a violência simbólica por meio da exclusão, sobretudo uma dupla marginalização dos alunos, uma vez que, nem todos os alunos conseguem cumprir os requisitos estabelecidos, pois a escola pública possui um público diversificado, contudo apenas a minoria consegue cumprir as atividades em sala. Essa exclusão não se limita apenas ao processo de ensino-aprendizagem, mas também por meio da exigência de uma desenvoltura mediante o domínio do poder simbólico dos alunos; colocando em evidência as relações de poder em sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa é possível perceber a importância da escola enquanto espaço social de construção das relações entre os alunos durante o processo de formação. Todavia, esse mesmo espaço apresenta muitos paradoxos que vão muito além do domínio de conteúdos

associais ao processo de ensino-aprendizagem. Tais elementos, muitas vezes externos à organização dos espaços pedagógicos acabam por definir a conduta de professores e demais pares na instituição escolar, a exemplo, origem social do aluno, condição econômica, capital cultural etc. Assim, a pesquisa destaca a percepção dos alunos sobre as práticas dos professores do ensino médio, as diferentes maneiras de tratar o aluno e o modo como tais apreciações podem resultar em processos de exclusão em sala de aula. Com isso, diante dos resultados, tornou-se evidente através das entrevistas com A e B que os alunos têm conhecimento sobre as diferentes formas de o professor tratar os alunos em classe, caracterizando o sentido das distâncias no antagonismo escolar tendo como alicerce o poder simbólico das relações sociais.

Sendo assim, as práticas em sala de aula revelam o distanciamento entre o que se deve oferecer e o que é oferecido, deixando muitas vezes marginalizadas as singularidades no espaço escolar. Com base nessa realidade, torna-se importante a análise dos alunos sobre as vivências em sala de aula, que vão muito além das atividades formais quase sempre relacionadas ao processo de aprendizagem, abrindo espaços para a compreensão das subjetividades nesse espaço; espaço este que está inserido em um contexto sociocultural mais amplo, capaz de transformar, entretanto caso haja fuga de sua missão, pode estigmatizar, excluir e legitimar as diferenças sociais presentes em sala de aula.

Portanto, é importante não generalizar a prática professoral como sempre sendo guiada por um poder simbólico, mas, sobretudo, ter um olhar afunilado sobre a formação dos professores, bem como as práticas em sala de aula, pois as relações do campo escolar transcende o processo de ensino-aprendizagem, e deve acima de tudo, ter as singularidades e diferenças dos alunos como sentido para emancipação na prática pedagógica, possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades, sobretudo, tomando a desigualdade social como ponto de partida, não para excluir, mas como ponto de reflexão e como cerne do direcionamento para uma prática positiva no campo educacional.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10. Ed. São Paulo: Graal, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (São Paulo: Perspectiva, 2007).

_____. **A dominação masculina**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

_____. **Escritos de Educação**. 16 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand, Brasil, 1989.

_____. **Lições da Aula**, São Paulo: Ática, 1994.

_____. PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Francisco Alves: Vozes, 2014.

_____. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

CARNOY, Martin. **Educação, economia e Estado**: base e superestrutura, relações e mediações. Ed.3. São Paulo: Cortez, 1987.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber às Práticas Educativas**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais e Humanas**. 2. Ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: graal, 2003.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & a Educação**. Ed.3. Belo Horizonte: Autentica, 2009.